

LOLA SALGADO

**QUANTA COISA
PODE ESTAR
LOGO ALI**

 HarperCollins *Brasil*

Rio de Janeiro | 2020

Copyright © 2020 por Lola Salgado

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Renata Sturm*

Editora: *Diana Szylit*

Edição de texto: *Luiza Del Monaco*

Revisão: *Carolina Cândido e Daniela Georgeto*

Capa: *Lola Salgado*

Projeto gráfico e diagramação: *Renata Vidal*

Fotografia da orelha: *Charles Sereso*

Produção do eBook: *Ranna Studio*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S158q

Salgado, Lola

Quanta coisa pode estar logo ali / Lola Salgado. – Rio de Janeiro :
HarperCollins Brasil, 2020.

368 p.

ISBN 9786555110647

1. Ficção brasileira 2. Adolescentes - Ficção I. Título.

20-2817

CDD B869.3

CDU 82-3(81)

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

Agradecimentos

Sobre o autor

1

AMADURECER ERA uma droga!

Quero dizer, vamos lá, era no mínimo superestimado. Eu não conseguia entender por que as pessoas da minha idade eram loucas para fazer dezoito anos. Da minha parte, nunca vi muita vantagem em ser adulta. Pelo que pude observar de perto ao longo da adolescência, a vida na maioridade não parecia ser muito mais do que boletos, problemas e frustrações.

Tudo bem, tinha a parte do álcool e de poder dirigir. Mas não era como se alguém *esperasse* até fazer dezoito anos para beber. O pessoal da minha sala, pelo menos, não esperou. E, sobre dirigir, eu não podia me importar menos. Estamos em 2020, existem aplicativos de motoristas que nos levam a qualquer cantinho, e nem são tão caros. Mesmo que não existissem, eu não via problema nenhum com o transporte público. Para ser honesta, se essas eram mesmo as únicas vantagens de envelhecer, eu queria ter a minha idade para sempre, obrigada.

Por exemplo, eu tinha cansado de ouvir mamãe chorando no banheiro depois de um dia puxado. Na maioria das vezes, era por causa de algum problema no trabalho. Por mais que ganhasse bem e nos proporcionasse uma vida confortável, o que ela fazia não era, nem de longe, o seu sonho. Nessas horas, o peso das escolhas do passado recaía sobre nós, e era impossível eu não me sentir culpada, apesar de ela sempre me assegurar que não faria diferente mesmo se tivesse a chance.

Para contextualizar: mamãe sempre quis ser médica. Foi uma dessas crianças que saem da barriga sabendo o propósito de vida. Roubava o guarda-pó da minha vó, Margô, que era professora, e, vestida a caráter, enfiava um termômetro embaixo do braço das bonequinhas. Foi uma aluna exemplar, com notas impecáveis, e tudo indicava que realizaria seu sonho. Bom, ela *quase* realizou. Passou no vestibular para medicina na UEM, que tinha mais de quatrocentos candidatos por vaga, e começou o curso. Mas aí conheceu o meu pai e, por um descuido, engravidou.

De mim!

Então, não importava o quanto ela me assegurasse que eu não era culpada de nada, e que abandonar a faculdade foi uma consequência de suas próprias escolhas, eu sabia que *eu tinha sido* o motivo da maior frustração de sua vida. Foi por minha causa que ela precisou voltar a

Cianorte com um bebê nos braços e sem nenhuma ideia do que fazer no futuro.

Eu evitava ao máximo pensar nisso. Tentava esquecer o pequeno detalhe de que, antes mesmo de nascer, havia arruinado a vida da minha mãe. Tentava acreditar no que ela dizia. O problema era que, durante o último ano, foi impossível não perceber que, embora negasse até a morte, ela depositava expectativas demais em mim. Como se quisesse compensar o passado. *Olha, eu não virei médica como gostaria, mas pelo menos a minha filha é uma arquiteta incrível. Ah, você não sabia? Ela projetou o maior prédio da América Latina quando ainda estava na faculdade...*

Meu Deus. Era pressão demais. E vinha ficando cada vez mais difícil de suportar. Para começar, precisei parar de escrever as minhas fanfics — que era a coisa que mais me fazia feliz — para me dedicar integralmente aos estudos. Se um infeliz devaneio me distraísse, mamãe fazia questão de me lembrar que era ano de vestibular.

Na verdade, a minha família toda tinha grandes planos para mim. Eu nem sabia muito bem como isso começou. Vovó Margô deve ter me perguntado, quando eu ainda era criança, decepcionada pela neta não ser tão decidida quanto as filhas foram. E talvez eu estivesse de saco cheio de dizer que não sabia e respondi a primeira coisa que me veio à mente. Sei lá. Quem sabe eu até tivesse ouvido alguém da escola dizer isso e me limitei a reproduzir.

Esse foi o pior erro que cometi na minha vida. Uma coisinha assim tão boba cresceu de maneira exponencial e se transformou em uma bola de neve corpulenta, me seguindo cada vez mais de perto, até que fui engolida por ela. De um dia para o outro, minha família começou a se gabar para vizinhos e conhecidos — ou, na verdade, qualquer pessoa que me encarasse por mais de dois segundos — que eu ia ser arquiteta. Que eu tinha nascido para isso. Que era o meu sonho.

Spoiler: não era.

Segundo spoiler: eu nem ao menos *tinha* um grande sonho. Essa era a pior parte.

Talvez mamãe não ficasse decepcionada se eu dissesse que, não, não queria ser arquiteta, mas porque nasci para fazer engenharia, advocacia, nutrição... sei lá. Alguma coisa. Qualquer uma.

O que ela não admitiria era eu não ter um destino traçado. Objetivos concretos. Um futuro. Eu tinha cansado de ouvir que não podia, pelo amor de Deus, repetir os passos dela. Ser mãe nova. Perder as oportunidades. Essas coisas todas das quais ela *não me culpava*, de jeito nenhum. Pior do que ser ela, só ser igual ao meu pai. “Aquele imprestável e sem rumo, que trabalhava como baterista de uma banda, se é que podemos chamar isso de trabalho.” Ela não suportaria que eu me tornasse parecida com ele.

Então, para evitar dor de cabeça, entrei na onda. Acho até que cheguei a acreditar nisso por algum tempo.

Fantasiei um futuro em que eu ficava horas em frente ao notebook projetando plantas. Criando coisas. A sensação não devia ser tão diferente da de criar histórias sobre os artistas de que eu gostava, né?

Só que, obviamente, era. Existia um abismo colossal de diferença. Para escrever fanfics, eu não precisava ser ótima em matemática, por exemplo. E eu de fato não era. No vestibular, assim que meus olhos correram pelas questões da prova específica de matemática, eu soube que não conseguiria. Nem se eu passasse mil anos com a cara nos livros, teria como enfiar todas aquelas fórmulas e teorias e números na minha cabeça. Mesmo assim, tentei, fiquei até o último segundo na sala de aula, porque não podia decepcionar a minha mãe. Levei a prova embora e, naquela mesma noite, quando divulgaram o gabarito provisório, constatei uma verdade que já sabia fazia tempo: eu *não tinha* nascido para ser arquiteta. Eu não podia ligar *menos* para decoração nem reparava nos prédios da cidade.

No entanto, não consegui abrir o jogo com a minha família. Até tia Jordana, que costumava se manter de fora da cobrança familiar, ficou toda ansiosa para saber como eu tinha me saído. Pior do que decepcionar uma pessoa, era decepcionar três em uma tacada só. Eu não podia fazer isso. E, apesar de saber que mentir teria um preço alto — eu precisaria lidar com isso, querendo ou não —, não consegui contar a verdade.

— Foi tranquilo! — exclamei assim que cheguei em casa, com um sorriso amarelo e artificial estampado no rosto. — Vocês estão de frente para a mais nova caloura da UEM!

Elas acreditaram como se, em vez da minha opinião, o que tivessem escutado fosse o resultado oficial do vestibular.

O mês seguinte, de espera, foi puro relaxamento e comemoração. Isso foi ótimo para mim, porque tive um tempo para curtir a bonança antes da tempestade que com certeza viria. As festas de fim de ano não podiam ter sido melhores. Mamãe ficou tão radiante que comprou Fanta Uva no lugar da Coca-Cola de sempre para a ceia de Natal e de Ano-Novo. Fanta Uva era o meu refrigerante favorito, que eu quase nunca tinha a chance de beber dentro de casa, já que ninguém mais gostava. Mas minha família fez esse esforço por mim! E isso me tornava a pessoa mais desprezível da face da Terra.

Eu podia até criar uma lista de motivos que me tornavam um ser humano horrível. Vamos lá:

1. ALÉM DE ARRUINAR OS SONHOS DA MINHA MÃE, EU
2. FAZIA TODO MUNDO BEBER UM REFRIGERANTE DE UVA PARA
3. COMEMORAR UMA PROVA EM QUE EU CERTAMENTE NÃO TINHA PASSADO E,
4. NO FIM DAS CONTAS, NEM QUERIA PASSAR.

Minha nossa!

E isso nos leva para o dia de ontem. O dia em que a casa caiu e eu precisei lidar com as consequências da minha decisão de ter sustentado uma mentira imensa por tanto tempo. E pior: por não ter um plano B. E nos leva também à razão pela qual amadurecer é uma coisa tão... triste.

Eu não queria ter que escolher nada! Quem é que está preparado para, antes dos dezoito anos, decidir a profissão para o resto da vida? A expectativa de vida é o quê? Uns oitenta anos? Tudo o que eu menos queria era chorar no chuveiro quase toda semana, igual a minha mãe, e me achar velha demais para consertar as coisas quando percebesse o quanto era infeliz.

Fora que eu não sabia muito bem do que gostava. O que deixava tudo ainda pior, pois eu não podia ficar testando as coisas até encontrar algo que me fizesse feliz, ou não faria outra coisa da vida.

Só que até não escolher é uma escolha. E se aprendi uma coisa na escola é que toda ação tem uma reação. Tudo bem, talvez Newton não estivesse dizendo nesse sentido, mas não importa. O fato é que não saber o que eu queria significava não estudar. E não estudar significava ir de encontro aos planos grandiosos que mamãe tinha sonhado para mim.

No dia anterior, quando ouvi a porta do meu quarto sendo aberta, fechei os olhos e fingi que dormia um sono profundo e tranquilo. Até deixei um fio de baba escorrer para conferir mais veracidade à cena. Senti um afago

gentil no braço esquerdo que fez com que meu estômago se revirasse. Me remexi na cama como quem desperta devagar de um sonho bom.

A verdade é que eu quase não havia pregado os olhos aquela noite, só esperando o meu triste fim quando o resultado fosse divulgado e a minha derrota ficasse estampada para todos. Janeiro tinha passado rápido demais para o meu gosto, e eu não tinha me preparado para os sermões, para o papo de precisar traçar um futuro, de não seguir os passos de ninguém e blá-blá-blá.

— Bom dia, dorminhoooca! — chamou mamãe, quase cantarolando. Apesar do tom brando, captei a ansiedade em sua voz e estremei. — Hoje é o grande dia. Preparada?

De jeito nenhum!

— Hum? — murmurei, esfregando os olhos com a maior calma do mundo, sem me afobar no personagem.

Eu costumava ter muita dificuldade para acordar. Seria estranho se naquele momento fosse diferente. Ela não podia desconfiar de que era só fingimento. Quando me dei por satisfeita com a atuação, abri os olhos e me deparei com mamãe me encarando de um jeito um pouco assustador. Ela nem piscava. Com um novo carinho no meu braço, explicou:

— O resultado do vestibular vai sair daqui a pouquinho... — E, então, verificou o relógio de pulso. — Em cinco minutos. A gente tá louca de ansiedade, sua avó não para de andar de um lado para o outro!

Mamãe deu uma risada baixa que me fez pensar que, na verdade, quem não parava de andar de um lado para o outro era ela. Soltei um suspiro e sorri enquanto buscava alguma coisa para responder. Mas nem precisei, porque ela não conseguia ficar em silêncio. Eu desconfiava de que a minha mãe não tinha ficado tão ansiosa nem mesmo no próprio vestibular.

— Tô só esperando o restaurante Mocotó abrir pra fazer uma reserva pra esta noite. Precisamos comemorar!

Ah, ótimo.

A bola de neve só cresce.

Tô ferrada.

— Mãe! — exclamei, tomando impulso para me sentar na cama. — A gente nem sabe se eu passei ainda. Você tá se precipitando.

— Ah... — Ela abanou a mão no ar como quem diz “bobagem”. — Você é que tá se subestimando. Tenho certeza de que vai se surpreender com o resultado. — *Ou talvez seja você quem se surpreenda.* — Bom, a gente tá te esperando lá embaixo. Não demora.

— Tá.

Ela se levantou e seguiu em direção à porta, mas parou no meio do caminho.

— Não esquece de levar o notebook. A gente vai ligar na tevê, pra dar mais impacto! — Mamãe arqueou as sobrancelhas, parecendo uma criança arteira.

Deslizei o corpo pela cama, praticamente voltando a me deitar.

— Táááá! — respondi, sem conseguir disfarçar minha rabugice, que podia justificar como mau humor matinal, uma característica minha pra lá de conhecida.

Esperei ficar sozinha para esconder meu rosto entre as mãos e choramingar baixinho. Jesus, minha derrota seria ampliada pela televisão de sessenta polegadas da sala! Eu não sabia se tinha jeito de a situação piorar.

Sem conseguir prolongar aquela tortura por nem um segundo mais, desci da cama e me arrastei até o banheiro, do outro lado do corredor. Quando mamãe dizia “a gente”, referia-se a ela, minha avó e minha tia. Vovó ficou viúva muito antes de eu nascer. Por isso, quando mamãe engravidou, elas acharam que seria melhor para todas nós se morássemos juntas. Até porque tia Jordana não passava de uma criança na época. Eu e ela temos somente oito anos de diferença.

E foi assim que eu cresci em um lar matriarcal. O que era ótimo, para falar a verdade. Exceto em época de TPM. Aquele lance de que mulheres que convivem juntas alinham os períodos menstruais é verdade. Vovó não sofria mais desse mal, mas eu, minha mãe e minha tia compensávamos por ela. Era sempre nesses períodos que as brigas em casa se afloravam. O que significava que era sempre nesses períodos que mamãe era mais enfática em dizer que eu precisava traçar o meu futuro. Estudar. Ser *alguém* na vida.

Só que eu *já era* alguém. Eu era a Olívia; tinha dezoito anos; pais separados; morava com três mulheres; era

viciada em Broken Boys — talvez a melhor banda do mundo; passava todo o meu tempo livre escrevendo fanfics sobre eles na internet, onde tinha um público cativo que me fazia acreditar que eu era boa nisso; adorava beber tereré na calçada com Paola, a minha vizinha e melhor amiga, falando de tudo e nada. De que mais eu precisava para ser considerada alguém?

Isso sem contar as longas conversas constrangedoras que mamãe gostava de ter comigo sobre de onde vinham os bebês e tudo mais. Os pais costumam ter essa conversa uma única vez com seus filhos. No meu caso, no entanto, esse tema era recorrente. Mamãe morria de medo de que eu engravidasse cedo, como ela. Eu tinha cansado de ouvir que teria todo o tempo do mundo para namorar, que precisava me preservar... Mas o ápice mesmo foi quando ela teve essa conversa comigo e com o meu primeiro e único namorado, o Denis, na primeira vez que ele foi lá em casa. Caramba, dá vontade de morrer só de lembrar! Depois disso, a gente não podia ficar no meu quarto por mais de vinte minutos sem que ela fosse conferir o que estava acontecendo, com um olhar desconfiado e um pouco assustador.

Voltando ao meu martírio atual: como quem segue para a forca, desci as escadas com o notebook embaixo do braço. A cada passo em direção à sala, sentia um pouco de vida se dissipando do meu corpo.

Achava que as coisas estavam ruins o suficiente, mas, quando encontrei a sala cheia de bexigas e mamãe me

esperando com uma tiara espalhafatosa nas mãos, personalizada com letras cor-de-rosa e cheias de glitter que formavam a palavra ARQUITETURA, me dei conta de que tinha deixado tudo ir longe demais. Eu precisava resolver as coisas e precisava fazer isso agora mesmo, como quem arranca um band-aid, antes que eu terminasse de perder o controle da situação.

Depois de, com a maior calma, dar bom-dia para as três, pluguei o computador na televisão com um sorriso amarelo no rosto. O resultado fora liberado às dez em ponto e, mesmo depois de quinze minutos, o site continuava congestionado, o que só aumentou o meu nervosismo. Observei minha família aconchegada no sofá de três lugares enquanto eu alternava entre recarregar a página e roer as unhas.

Fui sensata em escolher a lista de *Participantes* em vez da lista de *Aprovados*, porque, assim, já íamos direto ao ponto. Joguei o meu nome na busca: *Olívia Salazar*. E suspirei de alívio ao confirmar o que, para mim, nunca foi uma dúvida: eu não tinha conseguido. Nem mesmo chegado perto. Se a minha colocação como cotista passou longe, eu nem queria pensar em como teria sido disputar a vaga geral. Achei que ficaria arrasada, mas a sensação foi de tirar um peso grande demais das costas. Foi como se eu tivesse precisado passar por tudo aquilo para me dar conta de que não tinha nascido para fazer arquitetura porcaria nenhuma. O que era uma loucura, mas sei lá. Às

vezes, mesmo que as coisas se apresentem na nossa cara feito um holofote, demoramos para notar.

Um silêncio constrangedor pairou sobre a sala cheia de bexigas. Roí a unha do polegar enquanto girava em câmera lenta até ficar de frente para a minha família. As três me encaravam com diferentes níveis de decepção e pena, mas mamãe foi, de longe, a que ficou mais devastada. Ela nem tentava disfarçar, como vovó e tia Jordana faziam. Dava para ver no seu rosto endurecido que ela não tinha sequer cogitado a possibilidade de eu reprovar no vestibular.

— Poxa vida, Óli... Você falou que tinha ido bem! — suspirou ela por fim, tentando barganhar com uma coisa imutável.

Encolhi os ombros, ainda parada em frente à televisão, sem saber muito bem o que fazer com os meus braços e pernas.

— Mas acho que não fui, né?

Senti vontade de rir, porque era óbvio que eu não tinha ido bem. Porém, isso poderia piorar ainda mais o clima, e então fiz um esforço sobre-humano para não deixar que elas percebessem nem a sombra de um sorrisinho.

— Ah, Óli... — Vovó levantou e percorreu a distância até mim, me envolvendo em um abraço quentinho. Aceitei o carinho, mesmo com plena ciência de que não merecia. — Que pena!

Tia Jordana veio logo depois e me abraçou meio de lado, repousando o queixo no topo da minha cabeça.

— Não fica chateada, essas coisas são assim mesmo...

Mamãe chegou por último, e inesperadamente seu abraço de urso me esmagou de um jeito muito bom. Ela me encheu de beijinhos e cutucou as minhas costelas até me fazer rir. Com as três sendo tão legais comigo, me senti péssima por ter esperado o pior delas.

— Ainda bem que você não fez reserva no Mocotó...

— murmurei, envergonhada. Mamãe arqueou as sobrancelhas, deixando transparecer sua confusão. — Não vamos mais comemorar...

— Mas eu ainda vou reservar! Pra gente afogar as mágoas — disse, mostrando a língua para mim.

Viu só? Não foi tão ruim!

— Desculpa, mãe — deixei escapar. — Acho que não me esforcei o suficiente.

Seus olhos brilharam com um sentimento que não consegui interpretar. Mamãe enroscou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, negando com a cabeça como se descartasse meu pedido de desculpas.

— Só é triste porque você vai perder um ano... Mas eu também não passei de primeira.

Pisquei os olhos, confusa.

— Como assim, perder um ano?

— Com o cursinho, ué! Mesmo que você passe no vestibular do meio do ano, só vai começar a estudar no ano que vem.

— Mas... — comecei, e ela me interrompeu:

— É o sonho da sua vida! Você não pode desistir assim tão fácil, Óli!

Ah, merda.

Essa vai ser uma longa tarde...

— Mãe?

— Hum? — respondeu, ainda distraída com os planos que com certeza vislumbrava em sua cabeça.

— A gente precisa conversar.

2

NÃO SEI em que momento precisamente achei que seria uma boa ideia confrontar a minha mãe sobre os meus planos — ou a falta deles — para o futuro. Se eu soubesse, voltaria no tempo para esse exato instante e me estapearia para largar de ser trouxa. É claro que ela não levaria numa boa! Onde eu estava com a cabeça?

Ela tinha passado os últimos anos acompanhando de perto o meu boletim e brigando cada vez que eu aparecia com uma nota vermelha. Não que ela não fizesse antes, mas, de uns tempos para cá, isso tinha ganhado uma justificativa muito específica: passar no vestibular. Como eu ia entrar em arquitetura assim? Meu curso era concorrido, e eu precisava ser melhor que os outros! Bastava eu fechar os olhos, e sua voz soava alto em meus ouvidos com sermões infinitos e a cobrança constante de uma coisa que nunca foi meu sonho.

Eu sei que essa é meio que a função dos pais, e tudo mais. Sei que ela só queria o meu melhor. Mas ninguém nunca tinha me perguntado se *eu queria* estudar. Se eu

tinha certeza de que era mesmo arquitetura. Minha opinião não importava muito.

— VOCÊ O QUÊ?! — mamãe berrara no dia anterior quando eu tinha confessado que não me sentia preparada para começar o cursinho.

A expressão dela ficou paralisada em terror, e tive a impressão mesmo de ver o cantinho do seu olho esquerdo tremer. Que ótimo! Não bastava arruinar seus sonhos, eu ia causar uma síncope nela, talvez matá-la! Era a filha do ano!

Tia Jordana escapara da sala para atender o celular, mas a minha avó ficara bem atenta à nossa conversa, se remexendo sobre as pernas, sem esconder o desconforto.

— Mas e o seu sonho? — perguntou vovó, pisando em OVOS.

Soltei um suspiro alto e massageei as têmporas.

— Eu nem sei se é mesmo o meu sonho — admiti, frustrada.

Era um saco ter dentro de mim tanta coisa presa, a ponto de parecer que eu explodiria a qualquer momento, e não conseguir colocar para fora. Eu tinha medo das consequências que as minhas palavras podiam trazer. Não queria magoar a minha família, frustrar as expectativas dela. Mas era justo ter que priorizar o sonho dos outros em detrimento dos meus?

Quero dizer, eu amava a minha mãe. Entendia que ela precisou abrir mão de muita coisa por mim, mas eu ficaria em dívida para sempre por causa disso? Porque,

no fim das contas, era a *minha* vida. No futuro, eu que precisaria lidar com essas escolhas.

Se eu tinha aprendido algo com todo esse papo que a minha mãe repetia de eu não seguir os seus passos era que precisava pensar *em mim*. Precisava, ou ficaria triste para sempre. Talvez até acabasse colocando meus sonhos frustrados na minha filha, que também ficaria chateada, e...

Bom, deu para entender. Outra bola de neve monstruosa.

Cruzes, eu queria correr para bem longe desses ciclos.

— Sou péssima em matemática, não entra na minha cabeça. — Dei de ombros, como se isso encerrasse o assunto.

— Arquitetura não é só matemática... — ponderou vovó, enquanto minha mãe se jogava no sofá em um movimento bem dramático, quase teatral.

Ela girou nas mãos a tiara cheia de glitter, com um olhar triste e perdido em algum lugar muito longe. Acho que nem prestava mais atenção na conversa.

— Deve ser uns 95%, vó... Mas isso é o de menos! — Deixei meus braços caírem moles ao lado do corpo. — Eu devo ter falado da boca pra fora, sei lá. Faz um tempo que percebi que não é isso. Mas é melhor descobrir isso agora do que ser infeliz, né? Hein? — fiz uma pergunta atrás da outra, começando a me desesperar com o rumo da conversa, que parecia ir ladeira abaixo.

Minhas palavras capturaram a atenção de mamãe, que piscou algumas vezes, como se buscasse focar a visão, e então me encarou, séria.

— Óli, o curso é a minha menor preocupação. Olha o tanto de possibilidades que tem aí pra você escolher! — Ela tamborilou os dedos sobre o braço do sofá. — Só fico um pouco chateada por você esconder isso de mim. Não precisava ter guardado um segredo tão grande. A gente ia te apoiar, independente da faculdade que escolhesse.

Pela visão periférica, percebi um vulto e descobri que tia Jordana, no batente da porta da sala, observava quietinha o espetáculo. Vovó tinha os lábios crispados em uma linha fina, mas eu não soube interpretar de que lado ela estava, o meu ou o de mamãe, se é que havia lados.

Minha avó participava de maneira ativa da minha criação: me dava broncas se fosse preciso, me protegia quando achava que minha mãe era muito dura. Para resumir bem, ela também me educava. Mas eu percebia que respeitava a autoridade da minha mãe. Alguns terrenos eram proibidos para ela, e este era um deles.

— Ah, mãe, fala sério! — retruquei, e no mesmo segundo me arrependi da malcriadez, principalmente após ver o olhar mortal que ela me lançou. — Você tá quase enfartando porque eu falei que não quero fazer o cursinho!

— São coisas diferentes. Você *não tem* a opção de não estudar, Olívia!

— Por que não? Por que você queria isso e engravidou? Daí agora você quer me obrigar a viver a vida que você não viveu?

Minhas palavras fizeram com que um silêncio ensurdecedor dominasse a sala. Eu praticamente ouvi todo mundo prendendo a respiração, em choque, e me perguntei se elas conseguiam escutar as batidas frenéticas do meu coração.

Mamãe abriu e fechou a boca pelo menos umas três vezes. Isso era um péssimo sinal. Eu estava encrencada, já sabia disso. Suas bochechas ganharam um tom rosado que logo se espalhou pelo rosto inteiro.

— Por três motivos, filha. Primeiro, quero que você tenha um futuro bom e uma profissão estável. Você sabe como a sociedade é cruel e racista.

Meu pai, de quem eu havia herdado a maioria das características físicas, era negro retinto. Eu tinha a pele marrom. As outras mulheres de casa eram brancas, de cabelos e olhos claros. A diferença era gritante, inclusive no tratamento quando saíamos juntas. Mamãe sempre frisava esse detalhe, porque era um argumento bom demais para deixar de fora em nossas discussões. Ela também adorava me lembrar do quanto meu pai tinha fracassado na vida e que ela não queria isso para mim.

— Segundo — continuou —, eu não paguei um colégio ótimo pra que você jogasse essa oportunidade no lixo! Você *não vai* ficar em casa por um ano inteiro na frente do computador, escrevendo sobre aquela banda,

porque isso não vai pagar suas contas no futuro. E não estamos negociando. É a decisão final. — Para dar mais impacto, mamãe cruzou os braços e arqueou uma sobrancelha, como se me desafiasse. — Porque o terceiro motivo é que, enquanto você morar na minha casa, você segue as *minhas* regras!

Estreitei os olhos, revoltada com a simplicidade e a injustiça da forma como os pais encerram uma discussão. Eles usam e abusam do poder, como se descontassem todas as frustrações da época em que eram eles os filhos injustiçados. Eram sempre as mesmas coisas: *Não fale alto comigo!* (mas eles podiam berrar); *Eu te sustento* (o que, convenhamos, não é mais que a obrigação deles); *Enquanto você morar embaixo do meu teto, eu posso mandar na sua alma* (quer coisa mais injusta que essa?). Quando eu fosse mãe, jamais faria esse tipo de coisa com o meu filho.

Se até Deus tinha dado o livre-arbítrio para a humanidade, por que a minha mãe não respeitava isso? Eu, hein!

— Ah, que ótimo! Você é mesmo supercompreensiva, mãe! — atirei, cheia de sarcasmo, sentindo a veia do meu pescoço estufar. — *Por que* será que escondi de você por tanto tempo que *odeio* arquitetura e que eu já sabia que tinha reprovado no vestibular desde o ano passado, né? Deve ser porque fiquei com medo de você arruinar o meu Natal e o meu Ano-Novo com toda a sua compreensão!

Mamãe entreabriu os lábios — eu não soube se por surpresa ou raiva. Talvez os dois. Vovó, arrasada pela

briga, tinha juntado as mãos em frente ao peito e até fez menção de se levantar, mas parou quando comecei a andar de costas em direção à porta da sala.

Tia Jordana torceu a boca para o lado quando os nossos olhares se cruzaram, como se dissesse *poxa, que chato*. Respirei fundo, tentando não cair no choro, e girei nos calcanhares, dando o fora dali.

Subi os degraus da escada de dois em dois e corri para o quarto no final do corredor. Bati a porta — afinal, tinha herdado um pouco do drama de mamãe — e a tranquei. Estava furiosa! Pensei que, de todas as pessoas do mundo, mamãe conseguiria me entender. Ela sabia o que era ser forçada a seguir um caminho que não é o que gostaríamos. Mas parece que eu estava sozinha nessa.

O ano anterior tinha sido um verdadeiro inferno. Minha vida mudara de maneira drástica somente pelo fato de ser ano de vestibular. Mamãe, diferentemente das mães de algumas das minhas colegas de sala, nunca se importou de eu passar tantas horas no computador, por exemplo. Na verdade, antes, ela até ficava orgulhosa por saber que eu passava esse tempo escrevendo, e não *aprontando na rua*, como acreditava que a maioria das pessoas da minha idade fazia. Ela já tinha lido algumas das minhas histórias — as mais leves — e até mostrado cheia de orgulho para suas clientes que preferiam ser atendidas lá em casa.

— Olha só como ela escreve bonito! — falava em tom pomposo, oferecendo o tablet para algum pobre ser

desavisado, que era obrigado a ler tudo por educação e tecer comentários gentis sobre as minhas histórias.

Eu costumava me fingir de brava, de traída, como se mostrar as minhas histórias para desconhecidos fosse a pior coisa que ela podia fazer. Mas a verdade é que eu amava. Saber que mamãe ficava toda cheia de si com isso me dava uma centelha de esperança de que, quando a hora chegasse, ela me entenderia.

Mas aí o terceirão começou, e, como uma bolha que estoura e desaparece no ar sem deixar vestígios, essa ilusão chegou ao fim. De repente, o fato de eu escrever parou de ser visto como uma coisa boa e digna de compartilhar com quem ela queria impressionar e se tornou algo que ela tratava com desdém.

— De novo escrevendo essas porcarias, filha? — indagava num tom exausto e ao mesmo tempo exasperado, como se fosse um crime eu desperdiçar o meu tempo livre sendo... *feliz*. — Você precisa estudar pra prova de matemática! Esse ano tem vestibular, lembra?

Da mesma forma, se antes mamãe não ligava para o tempo que eu gastava no computador, agora se irritava simplesmente se eu fizesse menção de me sentar diante dele. A birra cresceu de maneira exponencial, até que envolveu os Broken Boys, a tal ponto que eu já não podia nem mesmo ouvir as músicas deles em casa — a menos, é claro, que eu quisesse ouvir um sermão sobre parar de

viver no mundo da lua e me preocupar com algo que me daria qualidade de vida.

Francamente, nossas percepções de *qualidade de vida* eram muito distintas.

Por isso que amadurecer era uma droga. Pela minha breve experiência, dava para perceber que, quanto mais responsabilidades você tinha, menos podia se dedicar às outras tarefas, como, por exemplo, se divertir. Porque havia coisas mais importantes. Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Argh, que droga, eu só queria voltar a ter meus catorze anos e escrever como se não houvesse amanhã.

Aproveitei a raiva e me lancei na escrivadinha, sem sentir um pingão de culpa por me refugiar no computador. Sem rodeios, abri o Facebook, curiosa para saber quais amigos meus tinham passado no vestibular.

Com um gosto amargo na boca, vi vários posts sobre o quanto era recompensador colher os frutos de um sonho que tinha sido tão penoso de conquistar. A mesma ladainha em todos. Noites sem dormir, muito choro, muita pressão, mas valia muito a pena e fariam tudo de novo.

Revirei os olhos, sem conseguir ficar feliz por ninguém. Nem mesmo por Paola, que com certeza tocava a campainha a qualquer momento me convidando para colocar as cadeiras de praia na calçada e passar o resto da tarde tomando tereré e conversando sobre como seria a faculdade. Eu era uma pessoa péssima, mas o que podia fazer? Fiquei amargurada demais com a discussão com

minha mãe para conseguir ser contaminada pela alegria da minha amiga.

Coloquei Broken Boys para tocar bem alto no YouTube, aproveitando a discussão para justificar a minha rebeldia. Ampliei o clipe para tela cheia e escorreguei o corpo pela cadeira do computador até estar quase deitada.

Do lado de fora, conversas exasperadas da minha família chegavam em forma de um sussurro abafado. Fechei os olhos e respirei fundo, confusa com o rumo para o qual eu direcionava o leme da minha vida.

Era tão estranho ter certeza do que eu *não queria* e não fazer a menor ideia do contrário. Eu sabia que não queria fazer faculdade agora, não enquanto não entendesse direito o que significava virar adulta e tudo mais. Eu tinha acabado de fazer dezoito anos, podia até ser presa! Isso devia significar algo importante, mas que estava me escapando. Enquanto eu não soubesse, enquanto não sentisse essa mudança em mim, não estaria pronta para decidir uma coisa tão significativa quanto a profissão do resto da minha vida.

Acho que a gente deveria ter uma espécie de chavinha que pudesse girar para virar gente grande. Talvez o nosso cérebro liberasse alguma substância química? Não sei. Mas eu olhava para os adultos da minha vida, até mesmo os que não eram tão mais velhos, como tia Jordana, e parecia existir um abismo imenso entre nós. Eu não sabia

ao certo como chegar do lado de lá e esperava não demorar muito mais para descobrir.

Uma notificação soou no meu celular ao mesmo tempo que Matt, o vocalista dos Broken Boys, deu um berro estridente no monitor. As guitarras ficaram mais pesadas e abriram o refrão, em que Ethan, o guitarrista principal, cantava junto. Com um suspiro cansado, olhei para o visor a tempo e vi a notificação de Paola. Ah, caramba, tinha sido bem mais cedo do que eu gostaria. Revirei os olhos e guardei o celular na gaveta. Eu ainda não me sentia preparada para lidar com a minha melhor amiga comemorando a aprovação na faculdade de pedagogia enquanto tentava se mostrar preocupada e triste por eu não ter conseguido.

Novas notificações soaram no celular, o som repercutindo e se amplificando dentro da gaveta, e, em um reflexo, aumentei ainda mais o volume da música. Voltei a atenção aos rostos tão familiares e aos quais eu me sentia tão próxima — até mais do que de pessoas que estavam a um braço de distância de mim.

Os Broken Boys eram cinco. Cinco homens pálidos e esguios que vestiam só roupas pretas e coturnos pesados, sustentando aquele visual mórbido que eu amava. Os cabelos caíam sobre os olhos em franjas propositalmente bagunçadas. Com exceção do baterista, Asa, que era loiro, e de Matt, que vivia mudando a cor do cabelo, os demais tinham os cabelos tão negros que pareciam ser tingidos.

Ethan Cook era o meu favorito. Meu coração se comprimia sempre que eu via alguma foto dele, porque, na minha opinião, era impossível existir homem mais bonito no mundo. Ele era coberto de tatuagens. A que eu mais gostava ficava em seu pescoço, uma cobra toda entrelaçada, feita em tons de cinza e que parecia uma obra de arte.

Em uma das minhas fanfics — uma das mais lidas, aliás —, tinha uma cena memorável em que Matt percorria as curvas do desenho com a ponta da língua, bem devagarzinho, só para provocar o guitarrista. Minhas leitoras surtavam com essa parte e sempre me marcavam em fotos de Ethan em que sua tatuagem ficava em evidência, escrevendo comentários como *pqp, nunca mais vou conseguir olhar pra tattoo do Ethan com os mesmos olhos.*

E, ah, sim! Eu disse que o *Matthew* percorria a tatuagem com a língua, né? Todas as minhas fanfics eram *Matthan*, isto é, tinham um romance entre o Matt e o Ethan.

Não sei muito bem como começou esse lance de escrever fanfics. Já contavam bons anos desde que eu tinha começado a me aventurar nessas águas. Eu tinha uns doze anos quando conheci os Broken Boys. Fiquei obcecada desde a primeira música. Passei uma madrugada toda em frente ao computador assistindo em looping aos clipes, ouvindo todas as faixas dos CDs,

lendo a biografia dos integrantes. Mesmo assim, sentia que era pouco, eu queria mais. Precisava de mais.

Acessei um fórum sobre a banda e, em uma das seções, encontrei um tópico chamado Fanfics. Naquela época, eu não sabia o que isso significava para além da história de romance entre o Faustão e a Selena Gomez que ronda a internet desde que o mundo é mundo. Talvez por isso eu tivesse até uma impressão errada sobre fanfics. Lembro-me de ter clicado no tópico com um pouco de desconfiança. Foi assim, em um clique inocente, que a minha vida mudou para sempre.

Lembro certinho da primeira história que li. Ethan era um garoto perseguido por demônios, e Matt, com toda certeza, tinha sido inspirado no Constantine. Era uma espécie de exorcista todo errado, que fumava demais e tinha um comportamento blasé e irresistível. Fui tomada por uma mistura de sensações. Quero dizer, alguém tinha usado os integrantes dos Broken Boys como personagens, mas as histórias eram inéditas, cheias de reviravoltas, e, na maior parte das vezes, eles nem eram músicos! Só serviam como cascos para os personagens. Eu logo notei que existia um estereótipo para cada um dos integrantes, uma espécie de senso comum de como cada um deveria se comportar.

Passei semanas engolindo histórias Matthan. Fiquei sedenta. Na escola, eu costumava cruzar os braços sobre a carteira e sonhar acordada, revivendo as tramas diante dos meus olhos. Até que as primeiras cenas inéditas

apareceram. Frases soltas. Imagens que se desenrolavam como um novelo, deixando um fio envolvente que me instigava.

Morrendo de medo, sabe-se lá do quê, decidi que era hora de colocar isso para fora. Descartei três rascunhos até que o primeiro capítulo saiu. Reli várias vezes para ter certeza de que estava mesmo bom. Depois criei um pseudônimo, BrknCook, e reuni coragem para postar a minha própria fanfic. Os dias se transformaram em meses e os meses, em anos. Seis, para ser mais exata. E eu não faria nada diferente, nem uma vírgula sequer.

Foi escrevendo que descobri coisas sobre mim mesma que nem imaginava. Sentimentos guardados, que pulavam para fora e viravam poesia. Aos poucos, comecei a ganhar leitores e percebi que era viciada nos comentários que eles deixavam nas minhas histórias. Nada me fazia mais feliz que isso. Eu passei a escrever pensando em como reagiriam quando lessem determinados trechos. Na maioria das vezes, me surpreendia ao descobrir que uma mesma cena podia evocar sensações tão distintas em pessoas diferentes.

Com o passar do tempo, migrei para um site de leituras on-line, o NovelSpirit, onde criei uma base de fãs que virou a minha vida. Não havia uma única hora do dia em que eu não pensasse no NovelSpirit, nos capítulos que precisava postar e nos comentários por responder. A verdade é que amar Broken Boys tinha virado a minha vida do avesso e me dado um propósito. Eles eram tão

presentes no meu cotidiano que eu os via quase como amigos de longa data. E, no fim, acho que eram mesmo.

Meu celular me despertou dos meus devaneios. Contrariada, abri a gaveta e conferi o visor só para confirmar que era Paola.

Tá bom, tá bom!

Já entendi! Alguém está muito animada com o resultado do vestibular...

Pausei o clipe, brava com a minha melhor amiga, embora ela não tivesse culpa da minha infelicidade com a vida, o universo e tudo mais. Atendi a chamada com uma careta emburrada e lamentei que ela não pudesse me ver, pois isso responderia a várias perguntas.

— Olívia! — exclamou Paola, com uma pontada de irritação na voz. — Você não viu as minhas mensagens?

— Não.

Paola tinha uma tendência a fazer perguntas óbvias quando ficava agitada demais.

— Por que você não me respondeu, inferno?

— Já falei: eu não vi as mensagens. Foi mal. — Engoli um *O que você quer?*, sem querer ser cruel com ela.

Mas ficava cada vez mais difícil. Parece que até a respiração da minha amiga me irritava. Acho que, no fundo, eu invejava um pouco a sua certeza para o futuro. Desde que éramos criancinhas, ela sabia que seria professora. Assim como tinha sido com a minha mãe e a minha tia. Pelo amor de Deus, será que todo mundo nascia sabendo todos os passos que daria? Enquanto isso,

eu não fazia a menor ideia do que ia vestir no dia seguinte... Era angustiante saber que eu era o pontinho fora da curva.

— Você não vai nem se esforçar pra parecer interessada no que quero falar?

— Ai, desculpa! Não tô tendo um dia muito bom... — Soltei um suspiro, abanando a mão no ar como quem descarta o assunto. — Mas deixa pra lá. Você passou no vestibular?

Ela já tinha tomado ar para atirar o que queria me contar antes que eu fizesse a última pergunta. Por alguns segundos, Paola permaneceu muda, parecendo buscar na memória o que eu queria dizer com *vestibular*.

— Ahn? — perguntou, confusa, sem, no entanto, me dar tempo de responder. — Passei! Mas a gente sabia disso, a concorrência é superbaixa. Enfim, eu liguei pra ver se você viu... é... a notícia...

Estreitei as sobrancelhas, pega desprevenida.

Se ela não tinha ligado para tagarelar sobre sua aprovação, eu não fazia a menor ideia de qual era a pauta. Tentei buscar na memória qualquer coisa que pudesse se enquadrar em *a notícia* à qual ela se referia, mas, não, nada.

— Acho que não?

— Sobre... Broken Boys? — Paola falou de maneira pausada, como se eu fosse uma criança.

Ela era a única pessoa próxima que eu deixava ler *todas* as minhas fanfics — incluindo as mais explícitas.

Aliás, era uma das maiores apoiadoras da minha escrita e vivia me incentivando quando eu tinha ataques de insegurança e pensava em desistir das histórias. Com o tempo, Paola acabou se afeiçoando à banda também. Eu até a tinha flagrado — mais de uma vez — ouvindo sozinha!

— Não vi, amiga. Fala logo! Tô ficando nervosa.

— Tá, mas não surta!

O que era um pedido muito bobo de se fazer. Todo mundo sabe que, quando se pede para uma pessoa *não fazer* alguma coisa, é o mesmo que implorar para que ela faça.

— Pah...

— Eles vão se separar!

Pisquei os olhos, chocada. Os segundos passaram sem que eu movesse um músculo ou emitisse qualquer ruído. Paola pigarreou, cheia de desconforto, como se tentasse me chamar de volta para a realidade.

Eles vão se separar de quem?, foi o que pensei. Mas, em vez disso, perguntei:

— Como assim?

Minha amiga soltou um suspiro, como se essa fosse a coisa mais difícil que tivera de fazer em toda a sua vida. Ao fundo, ouvi sua mãe brigando com o pai por ele ter deixado uma garrafa de água quase vazia na geladeira; disse que acabaria se separando se ele não tivesse mais atenção. Grazi vivia falando que ia se separar de Chico,

mas todo mundo sabia que ela não passaria um único dia sem ele.

— Óli, eles vão acabar a banda. Encerrar. Se aposentar. Pendurar os instrumentos... Sei lá como se fala isso. Você entendeu! — Então, parecendo incerta, completou. — Né?

Sem pensar duas vezes, com toda a minha fúria, digitei *Broken Boys* na busca do Google. As teclas do meu computador rangeram em protesto à violência.

— Você tá me dizendo... — comecei, enquanto corria os olhos pelos títulos das matérias em destaque — ... que esses filhos da mãe... — *Broken Boys anunciam turnê de despedida* — ... vão ter a coragem de fazer isso comigo?

Com as mãos trêmulas, cliquei no primeiro link. Lágrimas começavam a se formar nos meus olhos, e eu sabia que, quando o choro começasse, nada mais me faria parar.

Blá-blá-blá, dez anos em atividade... querem testar novas possibilidades... separando... turnê mundial de despedida.

Meu Deus do céu!

— Olívia? — Paola parecia preocupada. — Tá me ouvindo?

— Eu só tava... — minha voz soou embargada — lendo a notícia por cima. Você tinha falado alguma coisa?

Ela estalou a língua no céu da boca, sem esconder que não fazia a menor ideia de como lidar com a situação.

— Eu disse... Hum... Acho que eles não se separaram pra *te* atingir, amiga. — Seu tom sugeriu que era para ser

uma piadinha, mas soou como um sermão que a minha mãe daria.

— Pah, foi mal, eu preciso...

— Eu sei — respondeu antes que eu dissesse *desligar*.

Assenti, feliz por nos conhecermos tão bem a ponto de nos entendermos sem que nada precisasse ser dito.

— Ligo mais tarde. Valeu por me contar.

Consegui segurar as lágrimas por alguns segundos após a linha ter ficado muda. Mas então meus olhos correram pelos pôsteres espalhados nas paredes do quarto, pelos rostos de Matt, Ethan, Asa, Oliver e Alfie me encarando, e uma dor horrível rasgou meu peito.

Caminhei até a cama, caí deitada e abracei o travesseiro, permitindo que as lágrimas rolassem. Senti tristeza, melancolia, raiva, uma saudade precoce de tudo que tinha vivido graças a eles. De repente, foi como se uma mão gigante arrancasse um pedaço imenso da minha vida. Eu me vi passando tardes e tardes diante do computador, com um copo de café ao lado do monitor, escrevendo até ficar com tendinite.

Argh! Que inferno!

Por que isso estava acontecendo? Por que logo agora, quando eu mais precisava deles?

Se envelhecer era estar diante de várias mudanças sobre as quais não tínhamos o menor controle, então eu não queria deixar de ser adolescente nunca. Quero dizer, eu mal tinha completado dezoito anos, e minha vida já começava a desmoronar. Estava vendo tudo o que eu

mais amava acabar sem que eu pudesse fazer nada. Como ia continuar escrevendo assim? Meu Deus, que ano infernal!

Abracei o travesseiro com ainda mais força, procurando extravasar toda a amargura. Não adiantava. Com uma sucessão de murros, descontei no pobre travesseiro a frustração. Pelo vestibular, pelo cursinho que seria obrigada a fazer, pelos Broken Boys, aquela banda idiota que não pensava na porcaria dos fãs e no quanto essa separação quebraria os nossos corações!

Eles eram loucos? Eu não tinha tido a chance de ir a um show deles. Não tinha tido a oportunidade de brigar pelas paletas que Ethan Cook atirava aos fãs histéricos, tampouco pelas garrafinhas de água pela metade lançadas por Matt. Isso sem contar as baquetas de Asa ou a bandana que Alfie sempre usava para conter os cabelos negros e que lançava do palco ao final de cada show.

Agora não teríamos mais músicas novas para usar de trilha sonora — e inspiração — para as fanfics. Nem ensaios de fotos, que editávamos e usávamos como capas. Ou clipes, que serviam para nos encucar um milhão de teorias diferentes.

Tomada por uma fúria imensa, senti o impulso de destruir alguma coisa. Qualquer coisa. Limpei as lágrimas dos olhos com o antebraço e pulei da cama, olhando ao redor em busca do meu alvo. Primeiro pensei no computador. Seria catártico destruí-lo, mas um pouco drástico. Com toda certeza, mamãe nunca me daria um

novo, só para fazer com que eu aprendesse a lição. Lancei um olhar sanguinário aos pôsteres, mas também não tive coragem de picotar rostinhos tão lindos, por mais brava que eu estivesse. Por fim, minha atenção foi parar no meu All Star branco de cano alto, um pouco encardido, jogado de qualquer jeito no chão — junto com a bagunça do meu quarto.

Uma ideia iluminou minha mente e, tomada pela euforia, revirei a primeira gaveta da escrivaninha em busca da canetinha permanente que deixava ali. Funguei e limpei mais lágrimas, dessa vez com o ombro, enquanto me lançava no chão como um animal prestes a dar o bote. Agarrei o pé esquerdo do tênis e fiquei encarando por um momento, sem saber muito bem como extravasar tanta angústia, tantos sentimentos conflitantes, tantos pensamentos frenéticos.

Destampeei a caneta com a boca e cuspi a tampa, que caiu no chão e rolou para debaixo da cama. Antes que a coragem me abandonasse, risquei a primeira letra na lateral externa do tênis. Logo veio outro rabisco e mais outro, até que eu formei uma palavra.

ACABOU

Passei o polegar sobre a superfície riscada do tênis e o coloquei no pé. Levantei-me com um impulso e parei em frente ao espelho, examinando o que tinha acabado de fazer, mas, ao contrário do que eu esperava, não me

arrependi de ter rabiscado o meu tênis favorito. Minha mãe ia virar uma fera e talvez até me mandasse lavar, mas o fato é que foi bom expurgar o sofrimento. Foi bom registrar aquela palavra ali, para que eu nunca mais me esquecesse de como me senti.

3

DESDE QUE os Broken Boys tinham anunciado o fim, eu vinha pensando muito no meu pai. E não por um bom motivo, tipo o fato de ele ser baterista de uma banda de rock e isso poder ser uma ligação entre nós. Nem mesmo um motivo nobre, como me aproximar dele pelo desejo de controlar alguma coisa na minha vida, diante de tantas outras que mudavam sem parar. Não, não era nada disso. A questão é que o meu pai morava em Curitiba, uma das três cidades brasileiras em que a turnê de despedida dos BB passaria.

Eu ainda não sabia muito bem como conseguiria ir ao show, ainda mais se continuasse me recusando a fazer o cursinho. Minha mãe não facilitaria para o meu lado. No fundo, eu sabia que ela era rígida porque se preocupava comigo e queria que eu tivesse um futuro melhor que o dela. Mas a parte que ela deixava passar era que eu sabia melhor que ninguém o que me fazia feliz. E, naquele momento, a única coisa que me fazia feliz no mundo inteirinho seria a oportunidade de ver a minha banda favorita tocando ao vivo pela última vez.

O problema é que as coisas com o meu pai não eram tão simples. Pelo jeito, nada era tão simples quando se tratava da minha vida. Para começo de conversa, eu nem ao menos o conhecia, a não ser por fotos, histórias e pela presença constante dele nas conversas em casa, sobretudo quando mamãe queria exemplificar o que, para ela, significava falhar na vida.

Pelo que eu sabia, papai só queria saber da farra quando nasci. Como era baterista de uma banda, as festas faziam parte da sua profissão, e ele sabia muito bem como curtir cada uma, segundo mamãe. Foi assim que escolheu não ser meu pai. No entanto, desde que mudou de vida, ele vinha incansavelmente tentando entrar em contato comigo, mas minha família sempre se recusava a deixá-lo se aproximar. Eu nem conseguia ficar brava com elas, porque fazia sentido. Ele nunca quis estar presente, nunca foi mais do que uma sombra pairando sobre a minha vida. Por que agora achava que as coisas mudariam?

Falar dele era complicado. Fazia muito tempo que eu havia passado pela fase de sentir raiva. O problema era que, agora, eu era dominada pela apatia, o que considerava muito pior — quando a gente tem raiva, a gente ainda tem *alguma coisa*. Eu não tinha mais nada. Era muito triste não ligar para alguém que deveria ser tão importante.

Só que nesses últimos anos desde que ele começara a brigar pelo direito de se aproximar de mim — nem que

fosse por telefonemas mensais —, uma sementinha de curiosidade brotou no meu âmago. Tudo bem, ele *tinha* errado feio comigo e se mantivera afastado como se eu fosse um objeto descartável. Mas não podia ser só isso, né?

Sei lá, às vezes eu me pegava pensando se a gente tinha mais em comum do que a nossa aparência. Eu me via pouco na minha mãe, então imaginava que devia ter bastante dele. Uma parte de mim queria contrariá-la por achar que ser músico, trabalhar como baterista, era ter falhado na vida. Ele era formado em psicologia, e os dois se conheceram na faculdade. De certa forma, eu até a entendia. Deve ter sido uma merda abrir mão da faculdade, enquanto ele teve a chance de seguir com a dele, para no final nem trabalhar com isso.

Minha cabeça virava uma confusão quando eu começava a pensar nessas coisas. Grande parte de mim entendia e apoiava a birra que a minha família tinha. Eu mesma o odiara por muito tempo. Por que parecia tão fácil para o homem *abortar* um filho? Abrir mão de uma vida como se ela não fosse importante... Sempre que eu reparava na relação amorosa e amigável que o pai de Paola tinha com ela, ficava ainda mais brava, mais rancorosa. Eu tinha perdido tanto, coisas que jamais poderia recuperar. Não só isso. Mamãe passou uma barra imensa sozinha.

Mas o meu outro lado, que é mais profundo e difícil de ser compreendido, me despertava pensamentos

conflitantes, como o fato de que há cinco anos meu pai insistia em me conhecer deveria significar alguma coisa, não? Por mais que eu me sentisse traindo a minha mãe por pensar tanto nisso, fiquei curiosa para saber se a gente se daria bem. Eu queria resgatar pedaços meus que estavam faltando.

Esfreguei o rosto, andando de um lado para o outro no quarto. Mamãe tinha saído para fazer uma entrega na casa de uma cliente, e minha tia estava na faculdade. Só estávamos eu e vovó em casa, e percebi que não tinha no mundo ninguém melhor do que ela para falar sobre as coisas que me afligiam. Desci as escadas de dois em dois degraus, sabendo onde poderia encontrá-la. Agora que era aposentada, ela costumava levar uma cadeira de praia para o quintal e, de frente para o portão, alternar entre ler um livro, tricotar, ou só bisbilhotar a vida alheia. Porque, sim, vovó era o tipo de vizinha curiosa que esticava o pescoço por cima do muro para saber o que acontecia ao redor.

Comecei a me abanar logo que passei pela porta da sala. Fazia uma tarde muito abafada, dessas que antecedem as chuvas de verão, e foi impossível não lembrar da época em que Paola e eu jogávamos sabão no quintal quando chovia, só para ficar escorregando na rampa da garagem. Da última vez, há mais ou menos três anos, ralei a barriga e fiquei traumatizada. Depois disso, passei a evitar banhos de chuva.

Vovó fazia um tapete de crochê em formato de sapo, que eu previ que seria para mim. Sempre que ela encontrava um tutorial novo na internet com temas fofinhos, fazia para me agradar. Eu nem tinha mais espaço no meu quarto para colocar tantos tapetes engraçadinhos.

Soltei um suspiro bem alto, querendo anunciar a minha chegada. Vovó subiu o olhar, e seu rosto se suavizou ao me ver. Ela deu um sorriso largo, esquecendo o crochê no colo por um momento.

— Achei que não tinha mais ninguém em casa... Estava tudo tão quietinho.

— Te assustei? — perguntei, sentando-me no chão, ao lado dela.

— Só um pouquinho... — respondeu, e nós rimos em uníssono.

Na rua, dois meninos de uns dez anos passaram a toda velocidade em seus patinetes, os cabelos ondulando ao vento, e as risadas deixadas para trás reverberavam minutos após terem desaparecido do nosso campo de visão.

Roí as unhas enquanto ponderava a melhor maneira de começar aquela conversa. Mas a verdade é que não existia a melhor maneira. Quanto mais complexo é um assunto, mais complicado é abordá-lo.

— Vó... Você se importa se a gente conversar um pouco? — Fiz uma pausa para clarear a garganta. Ela me encarou com curiosidade e fui obrigada a encarar os

meus joelhos, que pareciam bebês deformados, para evitar seus olhos sábios. — Sobre, hum... o meu pai?

Ela arqueou as sobrancelhas como se dissesse *ah, sobre isso*. Umedecendo os lábios finos e contornados por linhas delicadas, vovó enrolou o barbante verde no dedo indicador esquerdo e voltou a trabalhar no sapo em seu colo.

— Claro, querida. É o seu pai, você tem o direito de falar dele sempre que quiser. — Ela deu um sorrisinho enigmático para mim. Seus olhos, no entanto, não acompanharam. Pelo contrário, ganharam um tom tristonho. — Não garanto que vou saber responder tudo, mas posso falar o que sei.

Assenti, feliz por ela ter concordado.

Eu já imaginava algo assim vindo dela. Das três, ela era a única com quem eu poderia ter essa conversa. Tia Jordana não sabia muito mais que eu, e a minha mãe com certeza ia preferir uma barata andando na cara dela — e olha que ela tinha fobia — do que tocar nesse assunto.

— Você também acha que ele é fracassado? — Fiquei surpresa com a minha pergunta, sem saber de onde ela tinha saído nem por que era tão importante saber a resposta de vovó.

— Não! — Ela arregalou os olhos, negando com a cabeça. — Claro que não! — Vovó soltou um suspiro longo e cansado. — Poxa vida, sei que sua mãe sempre diz isso, mas o seu pai não é fracassado, Olívia. Ele tomou decisões erradas na vida, isso não dá pra negar, mas

quem nunca errou, né? O importante é que colocou a mão na consciência e vem tentando mudar... — Após umedecer os lábios de novo, vovó prosseguiu: — Ela diz isso porque tem outros sentimentos envolvidos, muito rancor guardado. Isso é uma coisa que diz respeito somente aos dois, mas não significa que seja a verdade absoluta.

— E qual é a verdade absoluta?

Vovó deu de ombros, voltando a esquecer o crochê. Ela me encarou com as sobrancelhas entortadas para baixo. Na claridade que fazia ali no quintal, seus olhos ficaram ainda mais brilhantes.

— Acho que não existe uma. A minha verdade não é a mesma que a sua, que não é a mesma da sua mãe. Acho que por isso é tão difícil pra ela entender sua decisão sobre os estudos... Ela tem essa tendência a encarar a própria verdade como absoluta.

Com o indicador, tracei o contorno do rejunte entre os pisos, pensando em suas palavras. A vizinha da frente tentava, sem muito sucesso, dar banho no cachorro, que era quase do tamanho dela. O *golden retriever* pingava água e sabão e patinava de um lado para o outro, achando que tudo se tratava de uma brincadeira. Por um momento, me permiti observar os dois, sem pensar em nada mais.

— Você entende minha decisão, vó?

— Um pouco... — admitiu, e agradeceu a franqueza. — Mas também entendo a sua mãe. Acho, no entanto, que a

minha opinião pouco importa, assim como a dela. No fim, a gente escolhe apoiar ou afastar as pessoas que amamos. Não cabe a nós tentar mudar a cabeça do outro. Eu tenho tentado explicar isso pra ela...

— Mas ela é cabeça-dura — interrompi vovó, que me lançou um olhar divertido.

— Assim como você!

Mostrei a língua, e ela usou a agulha do crochê para me espetar nas costelas, de brincadeira.

— Vocês duas são muito parecidas... — Eu não achava, mas não ousei responder. — São teimosas, geniosas, difíceis de dar o braço a torcer. Enfim. A Denise não faz nada disso por mal, Olívia. Ela só quer que você tenha um futuro diferente do dela.

Abracei os meus joelhos e apoiei o queixo sobre eles. Senti um aperto enorme no peito ao perceber que o que eu queria de fato colocar para fora ameaçava vazar. Eu não conseguiria segurar aquela bomba dentro de mim por muito mais tempo. O problema é que palavras são irreversíveis. Uma vez que você as joga no ar, não há como impedir o impacto delas, tampouco evitar as consequências. E eu sabia que as consequências seriam enormes.

— Por que sinto que você está escondendo alguma coisa? — perguntou vovó, me sobressaltando.

A vizinha da frente tinha se rendido ao *golden retriever* e usava a mangueira para brincar com ele: apontava o

jato de água para uma direção e o cachorro tentava abocanhar, latindo com empolgação.

— Eu não consigo odiar o meu pai.

Vovó negou com a cabeça, chocada, e segurou o meu ombro com leveza.

— Ninguém disse que você tem que odiá-lo.

— Mas às vezes eu sinto como se tivesse... — admiti, me encolhendo no casulo que eu tinha formado com o meu próprio corpo. — Minha mãe sempre usa meu pai de exemplo pra tudo que existe de pior. É um fracassado... ele ter seguido uma profissão diferente daquela em que se formou é quase um crime... Eu fico tão confusa, vó! Sei que ele errou em me abandonar, em virar as costas pra mim, pra nós duas, mas ele parece estar diferente. Não é melhor mudar do que ficar sempre parado no mesmo lugar?

— É, sim. — Ela pareceu ponderar por um momento, como se escolhesse com calma suas próximas palavras. — Você sente que ele mudou de verdade?

— Não sei! Eu não o conheço. Não faço ideia se ele mudou ou se continua o mesmo. Mas eu queria saber... ver com os meus próprios olhos. Tô curiosa, vó. Essa sementinha foi crescendo dentro de mim e agora virou um negócio tão gigante que não dá pra ignorar.

Ela ficou em silêncio, acho que esperando que eu colocasse mais coisas para fora.

Foi então que percebi que não tinha mais volta, eu precisava tirar aquilo de mim. Havia segurado por dias,

esperando que aquele desejo desaparecesse da mesma maneira que tinha surgido, mas percebi que não estava nas minhas mãos. Algumas coisas não têm explicação, e só nos resta aceitar. Acho que essa era uma delas.

Nunca, em toda a minha vida, havia sentido tanta vontade de me aproximar, de conhecer o meu pai, de entender um pouco mais da minha história. Querendo ou não, o sangue dele corria em minhas veias. Ele fazia parte de quem eu era — uma parte da qual eu nada sabia. E não há como seguir em frente sem antes conhecer o passado. Desde que fui atingida pela constatação, eu não conseguia parar de pensar nisso. Empertiguei o corpo e usei o que me restava de coragem para desembuchar de uma vez.

— Vó, eu acho... — Fiz um barulho estranho com a garganta, uma mistura de engasgo com pigarro. Vovó nem piscou. Parecia ter prendido a respiração enquanto esperava o que estava por vir. — Não sei se ele vai querer, né... mas, hum, pensei em morar com o meu pai por um tempo...?

O silêncio que pairou sobre nós foi um pouco esquisito, desconfortável. Me remexi, sem saber direito o que fazer com os meus braços e pernas. De repente, todo meu corpo tinha ficado molenga e nenhuma posição era confortável.

Vovó olhou para frente, na direção da vizinha, que agora lutava para secar o cachorro com uma toalha imensa e manchada. Mas eu sabia que, na verdade, ela

não estava vendo nada disso. Com certeza, seus pensamentos davam voltas e voltas, absorvendo o peso das minhas palavras.

Soltei o ar dos pulmões com calma, começando a ficar desesperada com a demora.

É isso, vou matar a minha avó de desgosto.

Acho que ela já até morreu, só não percebeu ainda.

Eu me preparei para dar uma risadinha afetada e mentir que tudo não passava de uma brincadeira quando, por fim, ela deu sinal de vida, para o meu alívio.

— Essa é uma decisão importante — falou, com a voz um pouco fraca. — Você pensou bem nisso? Tem certeza de que é o que quer?

Dei um sorriso triste e encolhi os ombros.

— Acho que eu só penso nisso, vó. Eu não tenho certeza. Tô incerta, morrendo de medo, nem sei como falar com ele pra perguntar se eu posso, pra começo de conversa. Mas é que... Vó, eu fiz dezoito anos e nunca tomei uma decisão sozinha. Eu só queria... — Mordi o lábio inferior e desviei a atenção dela para a árvore em frente de casa, cujos galhos se balançavam e espalhavam dezenas de folhinhas miúdas no quintal. Mamãe ficava doida com a sujeira da árvore e vivia ameaçando que um dia mandaria cortá-la. — Eu só queria conhecer mais quem eu sou. E sinto que ele é uma peça importante disso.

Vovó estalou a língua no céu da boca, assentindo com a cabeça.

— Bom, vamos precisar contar pra sua mãe. Ela não vai gostar muito dessa história...

Vislumbrei um brilho em seu olhar que não consegui interpretar, mas que, para o meu espanto, parecia travessura.

— Estou sendo modesta. Ela vai odiar, espernear, prevejo um campo de guerra nos próximos dias. Mas talvez seja bom pra ela também.

Soltei uma risada de uma nota só, que mais pareceu um suspiro atordoado.

— Vó... acho que, antes de assustar a minha mãe assim, seria melhor falar com o meu pai.

— Ah, Óli. — Vovó revirou os olhos e abanou a mão no ar. — Ele vai topa na hora! O Eduardo quer isso tanto quanto você. Na verdade, tem um tempo que eu tento convencer a sua mãe a ceder... As coisas mudaram muito em todos esses anos. Mas dessa vez a decisão partiu de você, e não há muito que ela possa fazer.

Como se pressentisse que vovó e eu havíamos passado a última hora confabulando, o carro vermelho de mamãe embicou na entrada da garagem. Meu coração acelerou de uma vez e senti uma onda de culpa.

Meu Deus, ela ia me odiar para todo o sempre. Ia me deserdar, com certeza.

Além de ter arruinado os seus sonhos, eu era ingrata e estava pensando em me unir ao inimigo.

Tadinha da minha mãe. Eu era mesmo a pior filha do mundo.

Minha mãe acionou o controle, e o portão começou a abrir, rangendo de um jeito desanimador. Ela acenou para nós duas, abrindo um sorriso satisfeito por me ver fora do quarto, para variar. Depois da nossa briga, eu não tinha mais saído do esconderijo. Troquei um olhar cheio de cumplicidade com vovó, deixando transparecer a minha confusão.

— Não precisa fazer essa cara. A história vai além do que você sabe, e com o tempo ela vai entender. Lembra o que eu te falei: ela só quer o seu bem.

Abri a boca para responder, mas foi no exato momento em que minha mãe abriu a porta do carro, logo depois de estacionar com maestria. Ela estava tão bonita naquela tarde! Usava os cabelos presos em um rabo de cavalo alto, do qual, com certo charme, pendiam vários fios. O vestido de tecido leve ondulava com a brisa e as mãos de unhas feitas carregavam sacolas cheias de roupas.

Éramos o oposto uma da outra. Não somente na aparência — o mais óbvio —, mas em todo o resto. Mamãe era vaidosa, delicada, feminina. Eu era uma moleca que roía as unhas e usava um par de tênis que nunca era lavado. Seus cabelos estavam sempre alinhados. Eu não sabia ao certo como cuidar dos meus, até porque eles não eram nem lisos nem crespos, estavam no meio do caminho — sem contar que pareciam ter vida própria e milhares de texturas diferentes.